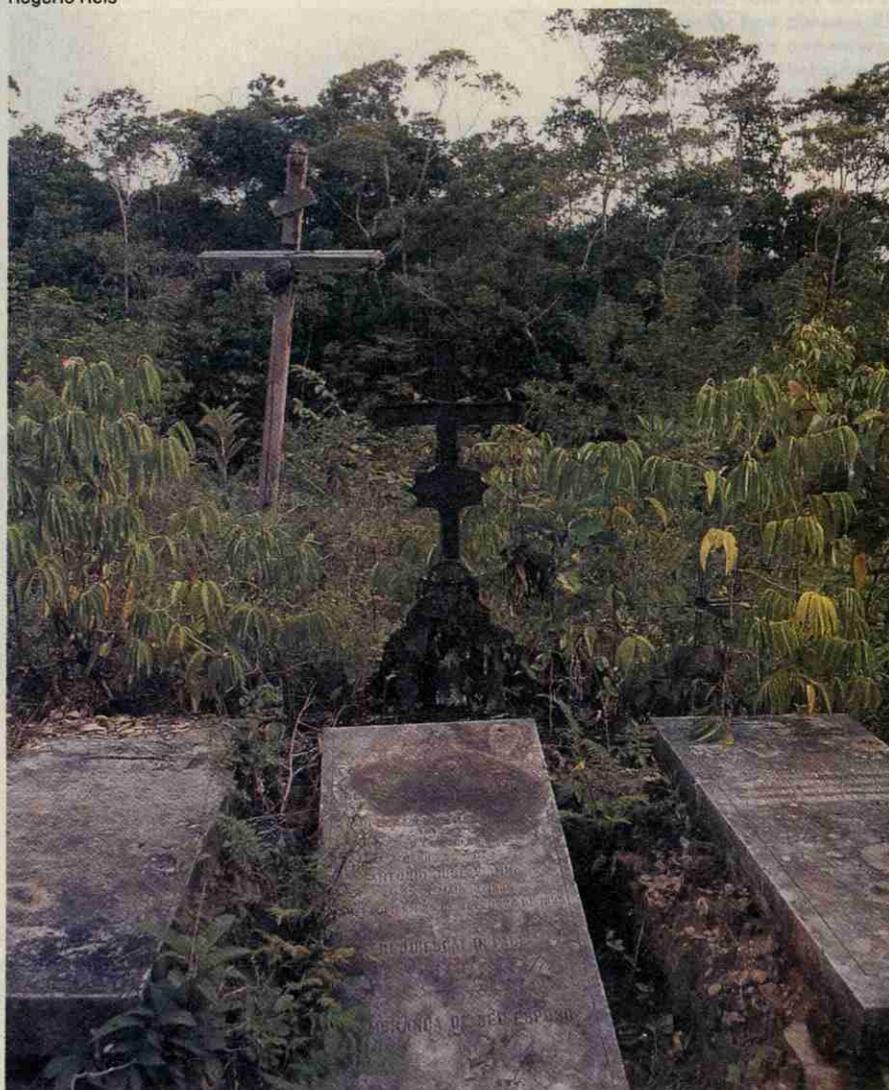


# AMAZÔNIA EM DOIS TEMPOS

5

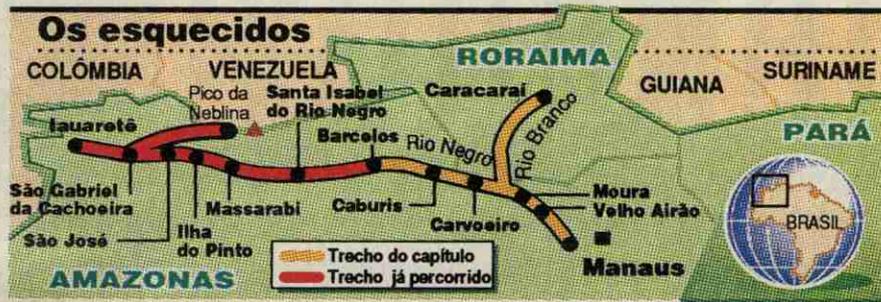
No último capítulo da série, o repórter Alexandre Medeiros e o fotógrafo Rogério Reis mostram como vivem alguns anciões, gente que, como a própria floresta que os cerca, está enraizada no solo da Amazônia. São pessoas que têm uma rotina marcada pelas rezas, por muito, muito trabalho — mesmo quando já passaram dos 60 anos — e pelos ensinamentos que passam aos mais novos. Só não conseguem educar os jovens a ambicionarem uma vida inteira em meio à mata e por isso são obrigados a assistir à partida de filhos e netos. A solidão é, invariavelmente, o companheiro mais fiel.

Rogério Reis



Cemitério de Velho Airão, cidade em ruínas no meio da selva que ainda conserva em bom estado construções do fim do século 19. Velho Airão é definida pelo historiador Francisco dos Santos, da Universidade do Amazonas, como “a nossa Pompéia”

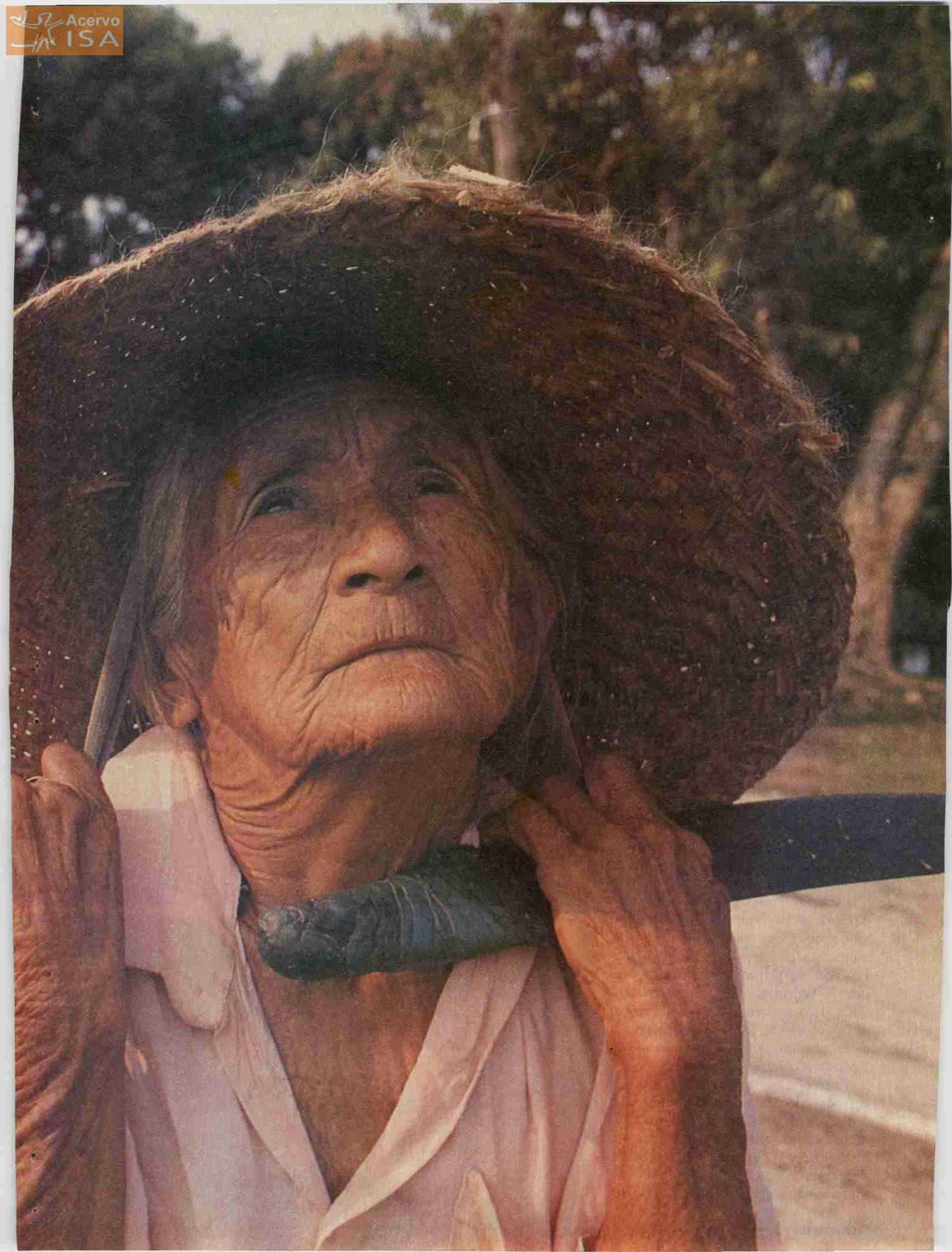
■ A expedição científica *Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas: da borracha à biodiversidade* reuniu pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, Universidade do Amazonas, Instituto de Medicina Tropical de Manaus, Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia entre os dias 31 de julho e 9 de setembro de 1995. O **JORNAL DO BRASIL** acompanhou com exclusividade a expedição.



**Almerinda Feltosa, 74 anos, trabalha desde os 10 e diz que não sabe fazer outra coisa. Quatro de seus cinco filhos foram embora. "A gente vai vivendo o presente sem alterar nosso jeito. Um dia a morte vai chegar e me encontrar aqui, sem susto"**

# Depois da chuva

**A rotina de trabalho dos idosos só é triste porque ver os jovens abandonarem a selva é tão certo quanto a passagem dos temporais**



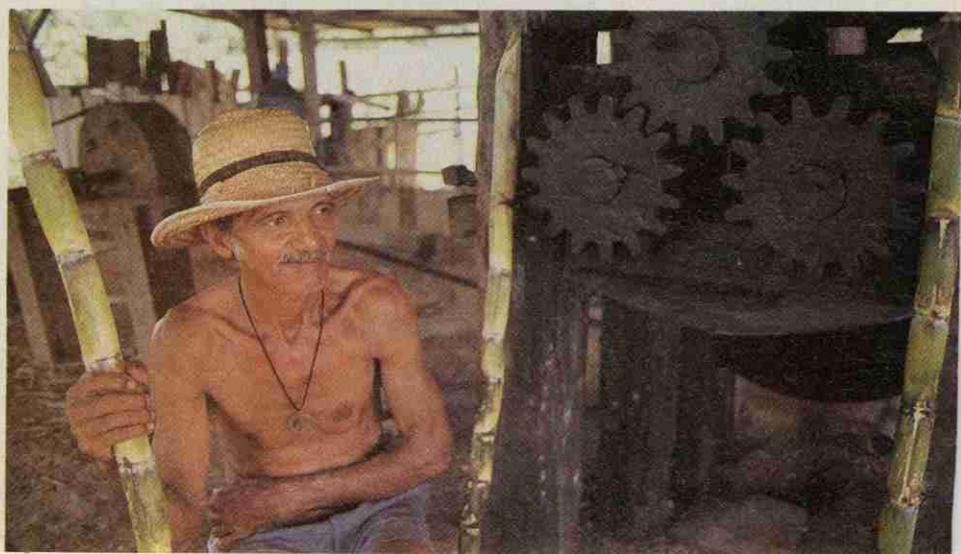
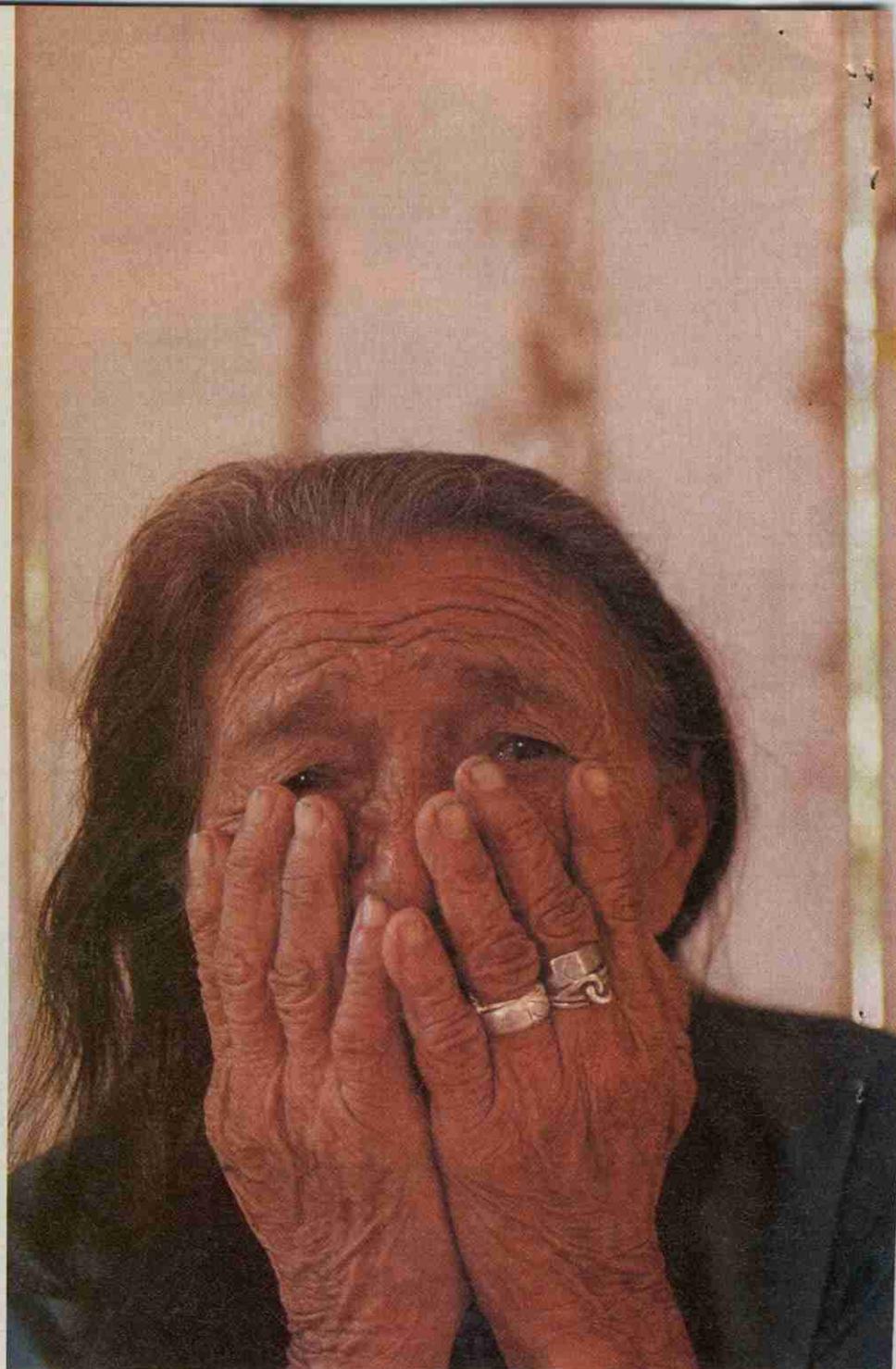
ALEXANDRE MEDEIROS, de Caburis (AM)  
Fotos de Rogério Reis

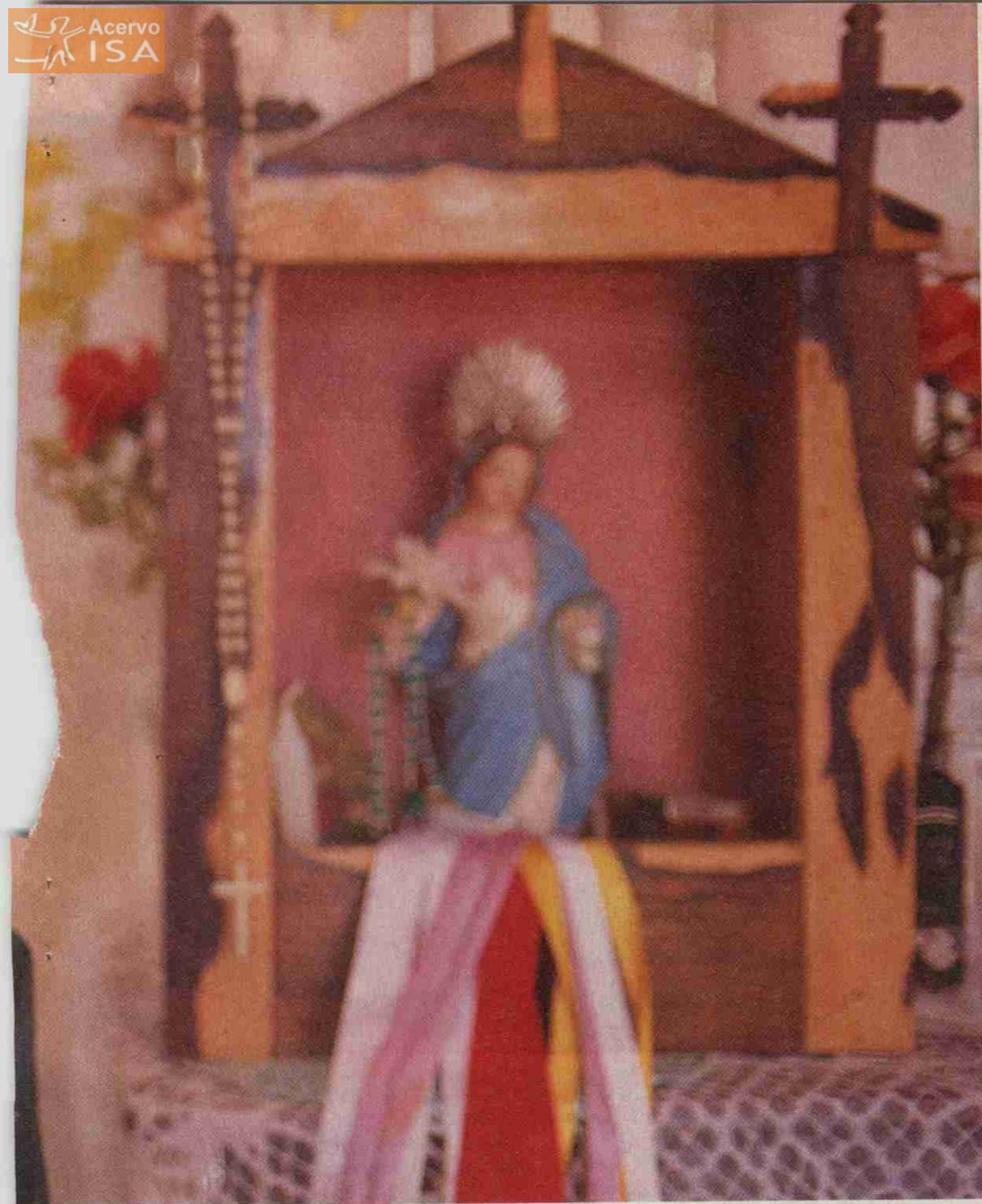
**S**empre que o céu escurece e os grandes clarões anunciam a tempestade, dona Erundina larga a roça e vai se trançar em casa. O barulho do trovão assusta, mas o que mete mais medo é o relâmpago, o raio de luz que incendeia a mata quando toca a copa das árvores. Dona Erundina tranca as portas e janelas e começa a rezar: "...Cristo foi crucificado, Cristo foi morto, Cristo foi sepultado, Cristo subiu ao céu, Cristo governa, Cristo reina, Cristo nos defende de todo o raio..." A vida pára na mata quando começa a chover.

"Tinha ali um pé de pupunha e o raio partiu ele, do olho até o pé, matou um porquinho e uma castanheira grande. Eu tenho medo do raio que cai", diz ela, as mãos postas, olhando a chuva lá fora. Ao seu redor só há velhos como ela, com rostos marcados como os troncos das árvores que a chuva começa a encharcar. "As crianças crescem e querem logo ir embora. Quando a gente percebe, já foram, parece que a chuva levou", lamenta Erundina, de 78 anos, avó de netos pequenos que um dia a chuva também vai levar.

A rotina dos idosos na Amazônia é uma longa espera. Os dias começam cedo para os que ainda têm forças para trabalhar e podem ser interrompidos a qualquer momento por um temporal. Então eles esperam a chuva passar, esperam a aurora da manhã seguinte, esperam o domingo da missa, esperam o dia em que um filho vai dizer adeus e desaparecer no horizonte da última curva do rio. "Depois da chuva os homens vão pescar, outros vão caçar. Eu vou varrer meu terreiro, fazer uma costurinha. Quando não tem nada, fico na rede. Às vezes escuto rádio, os avisos, as músicas. Negócio de leitura, meu pai não me ensinou", Erundina resume sua rotina.

Faça chuva ou faça sol, domingo é o dia do terço na capelinha de Nossa Senhora do Rosário, em Caburis. A imagem da santa está no altar que é uma mesa de madeira decorada com dois vasos de flores artificiais, uma toalha branca de



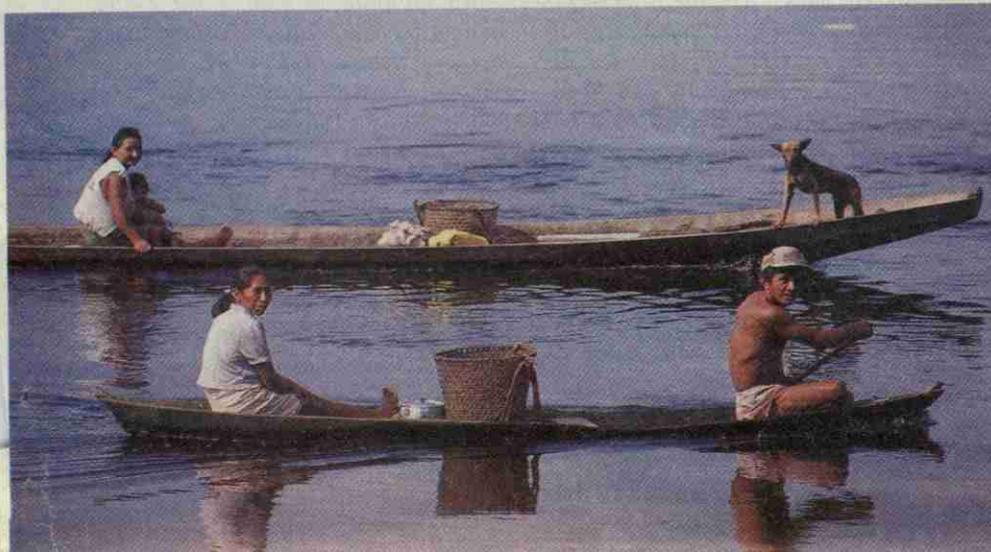


Soluções para um mundo pequeno

## DIÁRIO DE BORDO

■ *Seu José, marido de dona Erundina, gostou de saber que alguns integrantes da expedição eram cariocas e demonstrou surpresa com algumas mudanças recentes na vida política nacional: "Vocês são do Rio, é? Linda cidade... O presidente agora não fica mais lá não, né? Diz que fica em Brasília. Não me ligo mais em política, nem sei como governa esse menino que está aí, como é o nome? Isso, Fernando Henrique. Depois do finado Getúlio Vargas não teve mais nenhum."*

■ *Paulo Laranjeira Macedo, 46 anos, e Ana Francisca dos Santos, 32, vivem na Ilha do Santo, no Rio Branco, com seus oito filhos: as meninas Ellen, 14, Ellia, 6 e Ellya, 4, e os meninos Edden, 13, Eddy, 12, Eiddy, 11 e Eysy, 10. Os pais trocam os nomes dos filhos e resolvem o problema com apelidos. A caçula Ellya, por exemplo, é a Uca. Os oito filhos e dezenas de crianças de 35 famílias de dez ilhas da região têm o casal como referência para saúde e educação. Ele construiu e dá aulas na escolinha Bem-Querêr. Ela é agente de saúde. Os dois não recebem salário pelo que fazem, mas não querem ver crescer mais uma geração de doentes e analfabetos na Amazônia.*



**Enquanto dona Erundina (acima), 78, pede a N.S. do Rozário proteção contra relâmpagos e Augusto Firmino Torres (na outra página), 54, teima num exílio solitário, os mais jovens seguem o curso do Rio Negro, em busca de mais chances**



## Um 'Cobra' entre Deus e o Diabo

**A**lgumas pessoas costumam se benzer quando passam perto de Raimundo Cobra (na foto à direita). O velho tem fama de acender uma vela para Deus e outra para o Diabo. Encolhido em um quarto da Casa do Idoso de Caracarái (RR), Raimundo não renega a fama: "Eu me guardo. A primeira parte é com Deus. Mas quando é um maligno que vem, eu participo do lado do Diabólico, do Bicho. Eu tenho que me defender."

Raimundo é Cobra porque desde os tempos de menino aprendeu a não ter medo do bicho. Do pai, além das rezas, herdou a coragem. "Se tivesse aqui uma cobra, eu pegava para o

senhor ver. Eu tiro o sapo da boca dela e mando ela ir embora. Eu olho nos olhos dela. As que são brabas, eu respeito, como a coral de charque. Mas não temo", garante.

Aos 75 anos, Raimundo é muito procurado por pessoas em busca de suas rezas. O velho rezador diz que fazem muito folclore com sua história. "Dizem que ando com os olhos vermelhos porque tenho parte com o Outro. Não é isso. Dos oito filhos de meu pai, só eu fui para o quartel. Na instrução, fiquei destro de montar e desmontar o fuzil na escuridão. O coronel me dava um golinho de pinga com pólvora, para incentivar, só aquele tantinho. Por isso tenho os olhos encarnados."

Mesmo quem não acredita, respeita. A fama de Raimundo chega a São

Gabriel da Cachoeira e mesmo a Manaus. Segundo ele, vai mais longe. "Onde tem cobra nessa Amazônia eu sou conhecido", talvez exagere. Nada na selva lhe mete medo. "Tirante a cobra, no mato, só a onça. Ela ronda. Já acordei com uma me farejando, ela palmo e dentro, assim. Mas a onça também se assusta com a gente. Tenho medo é da traição."

Ele lembra da primeira cobra que encarou, uma cascavel: "Eu era menino, comecei a brincar com ela. Ai não parei mais. Perdi as contas de quantas picadas tenho no corpo, mas o veneno delas não pega em mim. Meu pai se chamava Luís Gonzaga de Almeida, mas era Luís Cobra, da família dos Cobras, que é a minha."

(A.M., de Caracarái)

## DIÁRIO DE BORDO

■ *A Escola Raimundo Xavier de Matos, em Santa Maria Velha, tem nome grande e nenhuma parede. Seus troncos de madeira sustentam um teto de palha que é destruído periodicamente por temporais. A professora, Rosilda Pinheiro de Oliveira, 23 anos, dá aulas de Português, Matemática, História, Geografia e Ciências para 11 alunos de 1ª a 5ª série. Mais difícil de enfrentar que lições de Matemática são as nuvens de mosquitos — os piuns — que pairam sobre as cabeças das crianças como auras. “Aqui não chamamos de piun, mas de pivários”, brinca Rosilda.*

■ *Velho Airão, uma cidade em ruínas no meio da selva, ainda conserva em bom estado construções do fim do século passado, como a imponente parede de uma antiga igreja. “É a nossa Pompéia”, exulta o historiador Francisco Jorge dos Santos, da Universidade do Amazonas. O sítio histórico é do século 17. Quando Carlos Chagas passou por lá, estava em decadência o primeiro ciclo da borracha. A região só voltou a crescer durante a Segunda Guerra, com a reativação dos seringais pelos soldados da borracha. Depois, voltou à decadência e circula o folclore de que a vila foi invadida por formigas, como a Macondo de Garcia Márquez em Cem anos de solidão, expulsando os últimos habitantes no fim dos anos 80.*



**“É no Rio Negro que se encontra a condição mais primitiva de trabalho e a condição mais precária de vida humana”**

*Carlos Chagas (1913)*

bordado e fitas coloridas de cetim. As duas velas acesas o vento se encarrega de apagar quando sopra mais forte, mas dona Erundina vai lá reacender a chama depois que passa a ventania. Bem cedo, ela bate com um prego grande numa pá de ferro pendurada na janela e o som desse sino improvisado avisa aos poucos habitantes de Caburis que o terço vai começar: “Já falei com José para ele vender esse lugar, mas ele não vende. Então vou ficando por aqui, acendendo vela para Nossa Senhora, pedindo saúde. O dia em que eu for embora, vou levar comigo a imagem da santa”, ela jura.

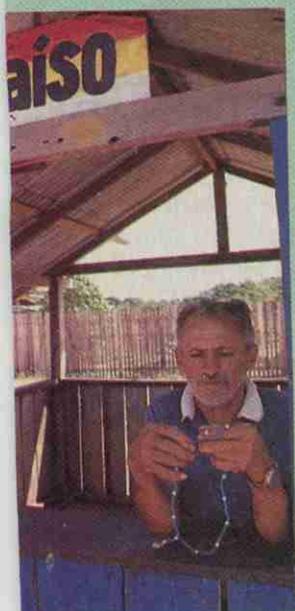
Se depender de José Araújo Gonçalves, 77 anos, o marido de Erundina, vai ser difícil ir embora de Caburis. “Trabalhei 42 anos na piaçava e só comia uma vez por dia. Não sou aposentado por lei e se dependesse deles já estava fumado. Aqui eu vendo minha laranja e minha castanha, não fico aperreado. Fofoca não existe, nem dá para falar mal da vida dos outros porque é pouca gente. Caço anta, porco do mato, macaco, o que tiver. De vez em quando eu vou para Manaus para comer feijão e jabá, beber cerveja e ver aquelas caboclas com as ancas gordas. Que mais eu quero da vida?”, define José, fincado em sua terra como uma árvore centenária que já cansou de dar frutos.

Para quem se acostumou a conviver com a selva, não é mesmo fácil partir. Ver um menino crescer e ir embora é uma dor mais sentida para Francisca Almeida de Sousa, a *Tia Chica*. Parteira da comunidade de Moura, às margens do Rio Negro, ela se conforma em trazer crianças ao mundo para depois vê-las partir. “São poucas as que ficam aqui. Tem um bocado em Manaus, outros espalhados por aí. Só de netos e bisnetos que eu trouxe são 59”, conta ela, que não teve dificuldade para reunir na vizinhança meninos e meninas nascidos pelas suas mãos. Muitos vieram chorando e se escondendo debaixo das saias das mães. “Eles pensam que é fila de vacina, morrem de medo”, justifica *Tia Chica*.

Aos 74 anos, a parteira de Moura nem pensa em aposentar a tesoura, confirmando o hábito dos idosos na Amazônia de trabalhar até a exaustão da idade. “Enquanto precisarem de mim, eu ajudo. É um pouco de água para desinfetar as mãos, azeite doce para massagear a barriga da grávida, dois paninhos e fé em Deus. A tesoura é para cortar o cordão”, explica ela, que vê a vida se reciclar a cada parto mas se entristece com o abandono a que ficam relegados os velhos na região. “Esquecem da gente”, pragueja.

Há esquecidos demais espalhados

**‘Tia Chica’, 74 anos, parteira de Moura, e algumas das crianças que ajudou a trazer ao mundo**





Dona Alda e os retratos do pai e do avô: "Pretendo morrer aqui"

## Herdeira de um reino que fica na lembrança

Os olhos claros de dona Alda parecem duas pérolas quando ela lembra da velha torre que seu avô mandou construir na mata. Ainda de pé, tomada pelas formigas e as ervas daninhas, o cilindro de pedra surge do nada e alcança o céu antes das árvores mais altas ao seu redor. "O forro da sala de visitas meu avô mandou trazer da França, era um desenho de arco-íris. Me lembro daquela sala como se fosse um sonho", recorda dona Alda, como se estivesse voltando ao passado e botando os pés num reino que não existe mais.

Os seringalistas como Joaquim Gonçalves de Aguiar, o avô de dona Alda, eram mesmo reis na Amazônia da borracha. Gastavam dinheiro em obras faraônicas como a torre que Joaquim mandou construir com pedras e pedreiros trazidos de Portugal só para que um menino, lá do alto, pudesse avisar da chegada de barcos no Rio Negro. Hoje, a escada em espiral já não chega aos quatro andares da construção e a torre virou ruína de uma época de ouro.

"Tínhamos 75 empregados e a cada safra produzíamos de 15 a 20 toneladas de borracha", recorda dona Alda Aguiar Cardoso, de 67 anos, hoje a herdeira solitária dos seringais desativados da família. Os domínios do velho Joaquim se estendiam por Vista Alegre, São Tomé, Tapereira, Acarabi, Atai e Anhumbi. São hoje terras de ninguém, só existem em amarelados registros de cartório e plantas feitas de pano e desenhadas a mão que

### GLOSSÁRIO

■ **Banzeiro** — Correnteza forte, agitação das águas do rio em hora de ventania ou tempestade. Sinal de alerta para os comandantes das embarcações. Perigo.

■ **Pupunha** — Fruto amarelo de uma palmeira muito

comum na Amazônia.

■ **Marreteiro** — É o vendedor de bugigangas que trabalha em barracas improvisadas nas pequenas e médias cidades da Amazônia. Corresponde ao camelô das metrópoles.

■ **Caracarai** — O nome da segunda maior cidade de Roraima quer dizer "gavião pequeno".

■ **Tartarugas** — Assim os comandantes e práticos das embarcações chamam os bancos de areia no leito do

Rio Negro.

■ **Empurrador** — Barco pequeno com grande potência de motor que empurra duas, três ou mais balsas carregadas de materiais diversos para abastecer cidades ribeirinhas.

dona Alda conserva em um baú no fundo da sala.

A velha casa de farinha de Joaquim virou moradia para os pais de dona Alda, o português Francisco e a amazonense Lucila. "Nasci numa barraca de seringa", lembra dona Alda, enquanto vai mostrando aos integrantes da expedição reliquias de sua família, como um aparelho de porcelana que chegou a ter 900 peças, um relógio de corda ou dois couros de onça pregados na parede. A casa espaçosa de São Tomé, a mesma em que morreram seus pais, é um templo para dona Alda. "Prentendo morrer aqui", diz ela.

A lembrança mais terna vem das manhãs ao lado do pai. "A gente ia levar o café para ele no campo, na bandeja. Depois de merendar com meu pai no capim, debaixo de uma sombra, ele passava as tarefas do dia. Quase sempre era recolher com o ancinho o que ele capinava", recorda dona Alda. Depois que o pai morreu, ela ainda tentou tocar o negócio, mas o preço foi caindo até tornar a borracha inviável. Dona Alda reduziu o número de empregados e passou a explorar a piaçava e a criação de gado.

O dinheiro dá para o gasto, mas nada que se compare à alegria dos seringais. "Quando tinha festa aqui em casa, meu pai mandava matar um boi ou um cabrito. Às vezes era bode, mas os caboclos não comem porque achavam que bode era coisa do Diabo. Muito vinho, os fados de se dançar. Era mesa e mesa e mesa...", saboreia ela as lembranças na varanda vazia, como se ainda ouvisse a música na vitrola de manivela e sentisse o cheiro dos assados no forno de lenha. (A.M., de São Tomé)



**"E ainda aqui essa indolência e esse aspecto de profunda decadência orgânica que se observam nas populações do Rio Negro"**

*Carlos Chagas (1913)*

pela floresta. Muitos transformam a velhice na Amazônia em um exílio solitário. Na distante Vila São José, distrito de Caracaraí, estado de Roraima, Augusto Firmino Torres, de 54 anos, ainda lembra de seus primeiros dias na mata: "Aqui só tinha o vento da estrada." A família — mulher e oito filhos — desistiu de ficar ali, parte foi para Caracaraí, parte para Manaus. Augusto ficou só no lote, plantou seringueira, cana-de-açúcar, laranja, café e pupunha, montou um engenho para fazer cachaça. A roça ficou grande para uma só pessoa cuidar, mas Augusto deu de teimoso. "Tenho dívida com banco, mas não vou desistir", garante.

Pensar em largar tudo e ir para a cidade não passa pela cabeça do pernambucano que um dia foi parar na Amazônia porque acreditou que ali era o futuro do país. "São 328 hectares que eu não quero perder, é tudo

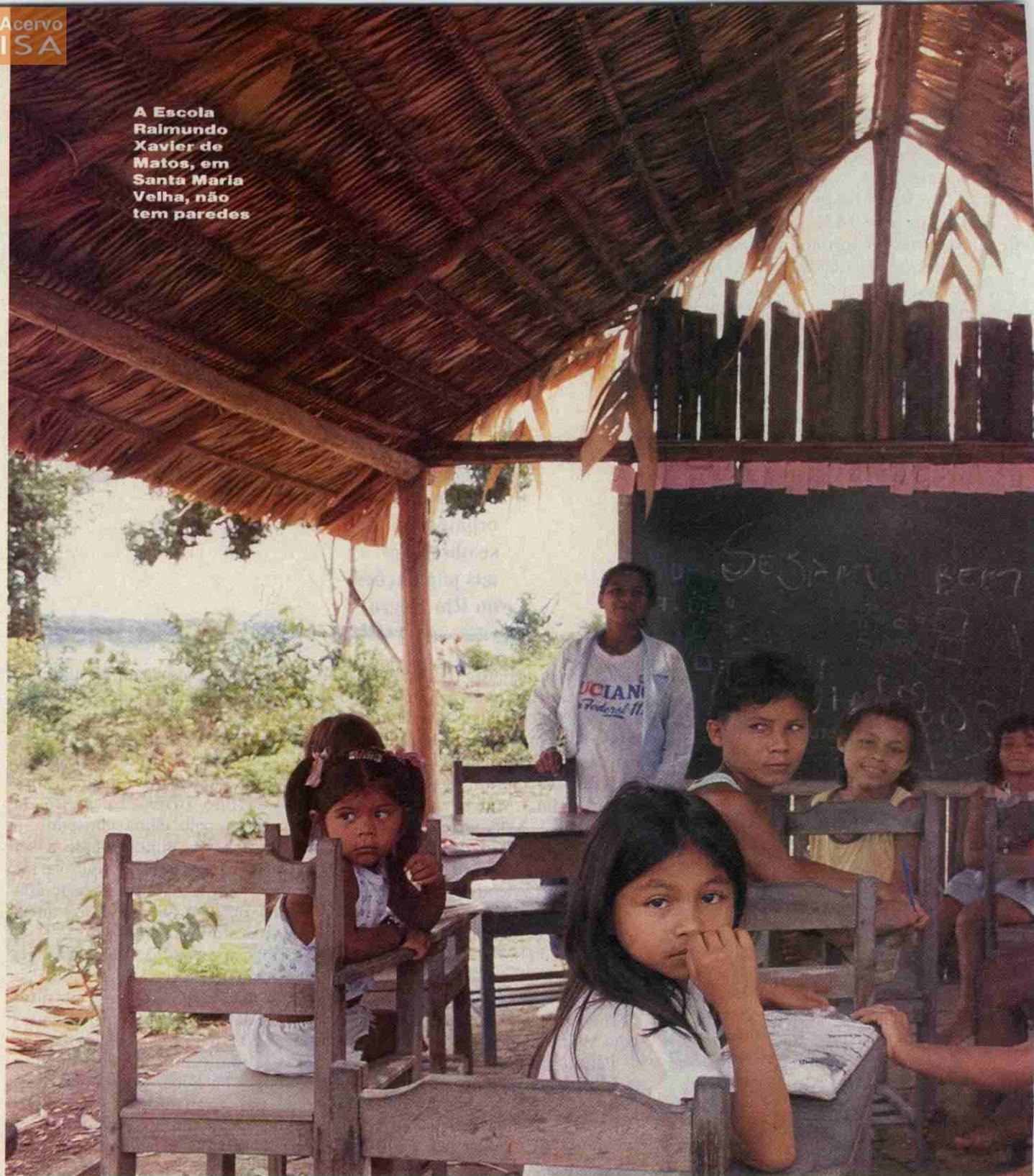
o que tenho. Eu sei capinar quintal e na cidade vou ter que mendigar pão", resume. Às vezes, Augusto olha ao redor e não vê nenhum jovem. Nessas horas, ainda se espanta e mantém sua convicção de morrer na Vila São José: "Eu gosto da Amazônia, pelo clima chovedor, o rio, a floresta, muita cidade a ser construída, o futuro. Aqui vai se precisar de gente jovem. A vida ampla na mão. A selva é para quem quer o destino."

Em Carvoeiro, de volta às margens do Rio Negro, Almerinda Feitosa, 74 anos, já não pensa no futuro. Ela sabe que os jovens vão todos partir um dia e enfrenta isso com naturalidade, ao lado do marido Manoel, 71 anos, acordando bem cedo para trabalhar na roça. "Dependo só de mim, enquanto tiver forças", ela diz, a caminho da plantação de mandioca. Leva o seu ter-

Soluções para um mundo pequeno

IBM

A Escola Raimundo Xavier de Matos, em Santa Maria Velha, não tem paredes



## GLOSSÁRIO

■ **Urutu** — Cobra avermelhada, de veneno violentíssimo, conhecida pelo desenho em forma de cruz na cabeça. Seu tamanho varia de dois palmos a 1,40m. O povo da Amazônia costuma dizer que a urutu "quando não mata, aleija". É muito irrita-

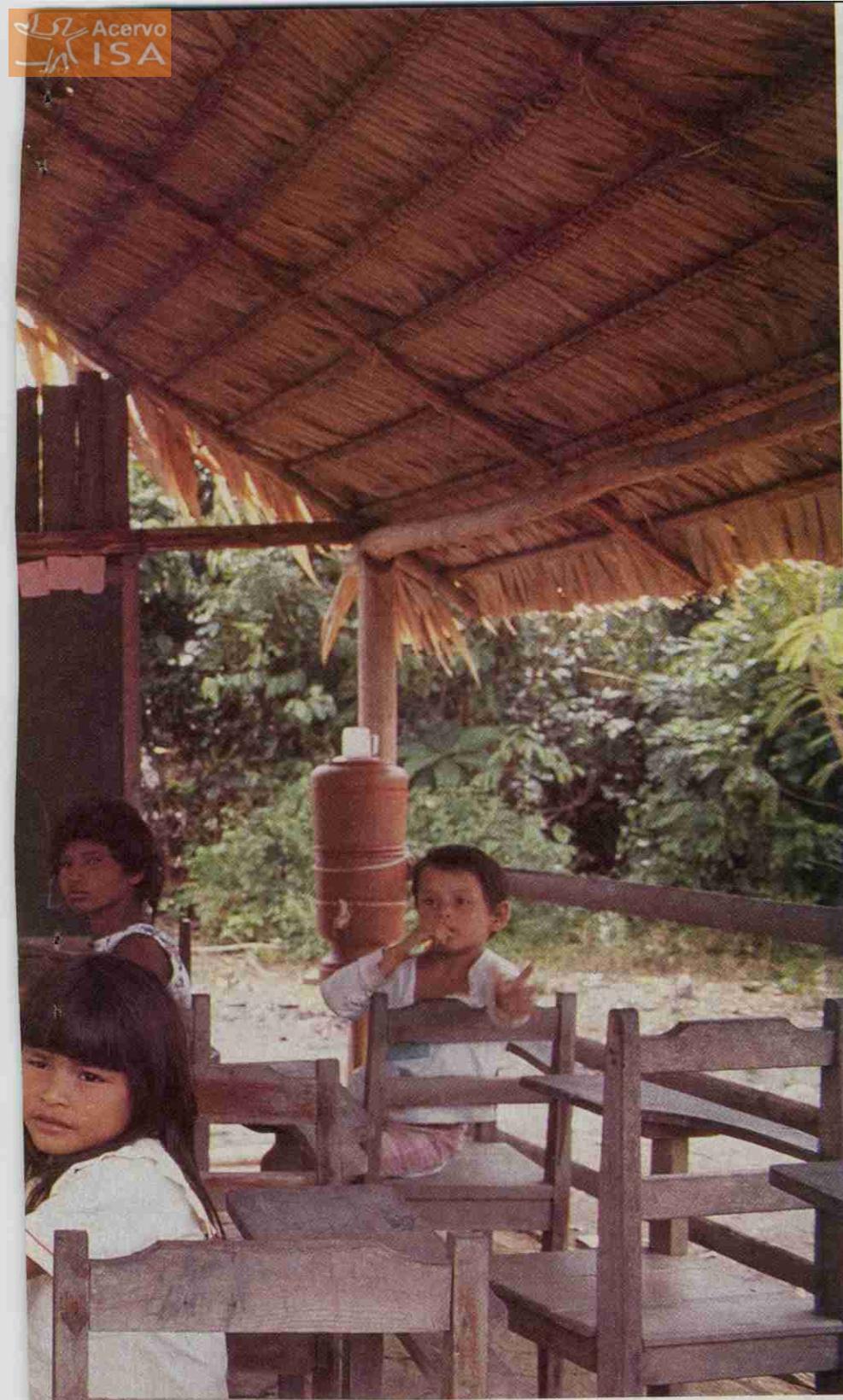
diça e, quando fica enfurecida, achata o corpo e desfere botes a esmo.

■ **Coral de charque** — É uma das 11 espécies de coral existentes no Brasil. Não produz um veneno tão forte quanto o da urutu e tem menos capacidade de ataque.

São consideradas traiçoeiras, pois se escondem na terra. Podem chegar a ter 1,50m e alimentam-se sobretudo de pequenos répteis.

■ **Cascavel** — Famosa por sua cauda terminada em guizo — que produz um som de chocalho quando a serpente

está irritada —, a cascavel pode atingir 1,80m de comprimento. Gosta de lugares secos e seu veneno pode causar recaídas na vítima mesmo depois de ser combatido pelo soro, o que exige acompanhamento médico do paciente por alguns dias.



çado e um cesto para colher o que a terra dá. "Trabalho desde os 10 anos, não sei fazer outra coisa. Não sinto dor nenhuma e tendo uma festa eu vou dar uma corrida por aí", ensina, arrancando do marido um ar de ciúme quase infantil.

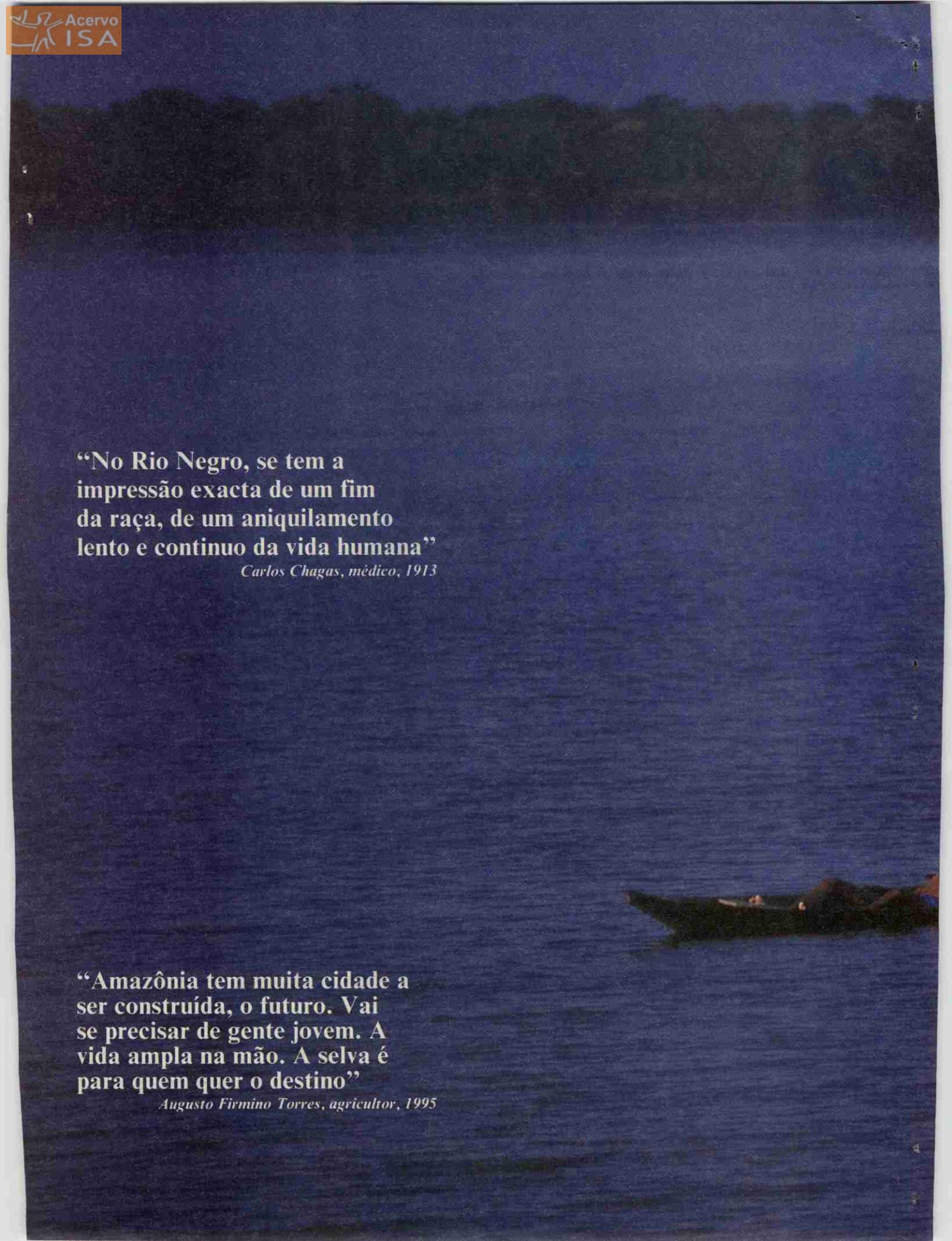
Os domingos de Almerinda são sagrados. Ela confessa que não faz nada: "Nada, nada, nada. Só a missa de Santo Alberto." Quatro dos cinco filhos já foram. "As crianças vão crescendo e querem partir, isso sim é triste. Muitos da mata vão para a cidade, saber outras notícias. A gente que não se acostuma vai ficando, olhando o povo ir embora, vivendo o presente sem alterar nosso jeito. Um dia a morte vai chegar e vai me encontrar aqui, sem susto", diz ela.

Uma turma de crianças vai passando diante da casa de Almerinda, ensaiando para o desfile do 7 de Setembro. São meninos e meninas que estudam ao relento, em livros ultrapassados e cadernos de folhas envelhecidas. Alguns enfrentam ainda os mosquitos durante as aulas, como os alunos da Escola Raimundo Xavier de Matos, em Santa Maria Velha. São também eles esquecidos, como os idosos da Amazônia.

O ensaio para o desfile vem chegando. O menino batendo tambor alegre a tarde da velha senhora e ela até ensaia um sorriso. Só fecha a cara quando um trovão corta o som do tambor e nuvens negras invadem o céu. Lentamente ela coloca a cadeira para dentro e vai sentar perto da janela, enquanto os meninos da banda apertam o passo para escapar do aguaceiro. Depois que a chuva passar, o ensaio das crianças vai recomeçar, a rotina dos velhos será outra vez esquecida, e um sopro de vida vai varrer a Amazônia, com cheiro de terra molhada. ■

Soluções para um mundo pequeno

IBM



**“No Rio Negro, se tem a  
impressão exacta de um fim  
da raça, de um aniquilamento  
lento e continuo da vida humana”**

*Carlos Chagas, médico, 1913*

**“Amazônia tem muita cidade a  
ser construída, o futuro. Vai  
se precisar de gente jovem. A  
vida ampla na mão. A selva é  
para quem quer o destino”**

*Augusto Firmino Torres, agricultor, 1995*

